

## Os trabalhadores portugueses e a paz

**F**oi a demasiada confiança no poder da prêgação, que originou a impotencia dos revolucionarios de toda a especie, em face da guerra. Encontrámo-nos todos, dum a outro extremo da Europa, com a boca cheia de frases, com o coração cheio de indignação e com as mãos a abanar, sem a menor organização, sem um plano esboçado sequer, de impedimento á mobilização ou á declaração de guerra. Passáramos os anos anteriores a filosofar e a fantasiar, a discursar e a falar, a escrever e a escrevinhar contra a sociedade capitalista, contra a guerra, contra o militarismo, contra o nacionalismo. contra muitas outras coisas; e como eram muitos os aplausos e muitas as adesões, e como tambem abundavam as perseguições por parte dos governantes, persuadimo-nos de que havia um grande espirito revolucionario, que produziria os seus efeitos na ocasião propria.

Mas a ocasião chegou e com ela a demonstração de que o tal espirito revolucionario ou não existia ou não tinha meio de se manifestar, o que, para o caso, vinha a dar na mesma.

Esta é que é a questão importante a verificar; tudo o mais é derivado, é secundario, não merecendo grandes preocupações.

A lição tem sido dura e é preciso que ela aproveite. Porque se assim não fôr, se se continuar como até agora, confiando na influencia do verbalismo revolucionario e no poder milagroso dos movimentos de revolta, o que nos espera é a derrota, a perda, por um tempo incalculavel, da esperança em melhores dias para a emancipação do proletariado.

O que é preciso é ter a coragem de encarar o mal bem de frente, e deitar resolutamente mãos á obra, corrigindo o erro praticado. E' tarefa difficil e ingrata, porque o mal é profundo, porque temos, em parte, de ser medicos de nós proprios, porque vamos de encontro a preconceitos, a temperamentos hostis, á falta de instrução, a mil obstaculos emfim, que originam muitas dificuldades e não raro muitos dissabores.

A quem tem passado anos na propaganda e está acostumado a dizer o que pensa, não causam surpresa as dificuldades e os dissabores, e já com êles conta, como quinhão, que parece indispensavel, na luta por ideias novas.

O remedio para o mal consiste em efectuar o que tantas vezes se tem prégado e que tão pouco e tão mal se tem efectuado: *Educar e Organizar*.

O proletariado português tem diante de si, actualmente, três formas de actividade a considerar, as quais se distinguem bem, embora estejam, é claro, intimamente relacionadas e não sejam, afinal, senão tres aspectos do grande problema a resolver: a emancipação.

Os militantes teem diante de si tres trabalhos: precisam de dar satisfação ás questões quotidianas que se levantam entre operarios e patrões, ás reelamações contra abusos e prepotências por parte dos poderes publicos; manter em regular actividade a vida associativa nos seus varios aspectos: reuniões, pagamento de quotas, etc.

Outro trabalho consiste em estudar planos de educação e organização, segundo uma orientação bem determinada, como: a fundação de escolas, a organização do apprendizado, a garantia do pão na velhice ou na invalidez accidental, o cooperativismo, as bases da organização associativa, do contrato de trabalho e outras obras de grande folego, que demandam muito estudo e tempo.

Finalmente, ha o trabalho que maiores e mais urgentes esforços requiere. Esse trabalho consiste em o operariado se preparar, o melhor que puder, para o fim da guerra e suas consequencias imediatas.

Essa preparação deve começar-se desde já, porque se a guerra nos trouxe a surpresa de se prolongar como ninguém supunha, pode tambem acabar mais cedo do que poderá julgar-se. Mas ainda que a paz não esteja perto, nunca será de mais o tempo para a preparação.

Falando-se na paz, temos de considerar o tempo que medeia entre a suspensão de hostilidades e a assinatura do tratado, e que constitue uma paz provisoria, digamos assim, que pode durar muito ou pouco tempo, conforme mil circunstancias, que não podemos prever.

Trata-se, como ha um seculo e em maior escala, de remodelar o mapa politico do mundo e especialmente da Europa; e o povo, o proletariado ha-de, pela primeira vez, desempenhar um papel nos destinos da politica internacional, influindo, de qualquer forma, nas bases em que a futura paz ha-de assentar. Parece-me que não deve haver duvidas a este respeito, para quem saiba a influencia que na vida moderna tem a acção do proletariado, e para quem tenha seguido o curso dos acontecimentos.

Não tenho que considerar a hipotese do proletariado se abster, limitando-se, como antigamente, á condição de servo, a quem se manda para casa ou para a officina, depois do massacre, deixando aos governantes o cuidado de disporem da vida politica e economica dos povos, como muito bem entendem. Não posso considerar esta hipotese, não só porque tudo quanto se passa nos leva á convicção do contrario, mas porque esse facto, a dar-se, representaria o aniquilamento, por um tempo indefinido, de todas as aspirações de liberdade e de emancipação, não havendo então outra coisa a fazer, senão ir cada um para sua casa vegetar até que a morte o levasse.

O que ha portanto a considerar, não é a renuncia, a abstenção, mas a acção e acção energica do proletariado, resgatando os erros do passado pelo ensinamento recebido com a dura lição da guerra.

De que maneiras se pode manifestar essa acção?

Ou ela se manifesta por um simples movimento de opinião, mais ou menos intenso e generalizado, ou a esse movimento se junta a acção revolucionaria.

Esse movimento de opinião afecta, naturalmente, todas as formas possiveis, indo desde a simples opinião publicada num jornal, até ao comicio, ao congresso regional, nacional, internacional e até — quem sabe? — á participação directa das classes operarias em assembleias doutras classes, onde elas possam fazer ouvir a sua opinião. Um movimento assim, será certamente tendente a que a paz não appareça formulada num tratado, que seja uma burla ou um erro de funestas consequencias.

O movimento revolucionario, a dar-se, pode ter o mesmo fim que o movimento de opinião, reforçando-

o, de modo a torna-lo mais eficaz, a impo-lo. Mas pode tambem visar a mais alguma coisa : a uma transformação social.

Admitidos estes modos de intervenção do proletariado nos principais países beligerantes, pode formular-se a seguinte pergunta :

Está o proletariado português, desde já, preparado para essa eventualidade, isto é, para saber que atitude tomará em face daqueles movimentos ?

Eu creio que os proletários não estão preparados, porque não ha uma corrente ou correntes de opinião e portanto de organização, sobre o caminho a seguir, no caso da produção daqueles movimentos ou de um dèles. Se essa ou essas correntes de opinião e respectivas organizações existem, eu confesso que as não vejo, que não dou por elas, embora as procure com muito desejo de as encontrar.

E' possivel que haja quem entenda que não merece a pena estarmo-nos a preocupar com essa questão, dizendo que, depois, os próprios acontecimentos, que se forem produzindo, irão indicando o caminho a seguir. Pode ser que esta opinião seja boa; mas creio que, se ela existe, se filia no erro de confiar demasiadamente nos efeitos da acção espontanea e destinada, por isso mesmo, a originar amargas desilusões.

Mas se o proletariado não está preparado, não quere isso dizer que se não possa preparar; e é porque pode fazê-lo que o deve fazer. E' preciso evitar que os proletários portugueses sejam colhidos de surpresa pelos acontecimentos e fiquem impossibilitados de actuar por não saberem para onde ir nem por onde ir, o que seria, além de tudo o mais, desempenhar um triste papel.

Sem essa preparação, sem se saber, duma maneira geral, o que se quer, não vejo como se poderá depois evitar que surjam, determinados pelos acontecimentos, os movimentos de protesto e de revolta, sem um fim bem determinado, inspirados apenas no desejo de fazer alguma coisa, de não se ficar quieto, á mercê de tiranetes e exploradores. Não é difficil prever qual será o resultado de movimentos dessa especie, que se hão-de produzir apesar de tudo, se a par deles não houver outros, com orientação definida, que os canalizem e

tornem uteis as manifestações espontaneas da energia popular, força admiravel que se não deve perder. É para que essa energia se não perca e possa produzir a maxima utilidade, que é preciso saber-se, com antecedencia, o que se pode e portanto o que se pretende realizar.

E' aos militantes que compete intervir directamente nas questões a debater e a resolver. Eles é que sabem quais os pontos mais interessantes ou mais urgentes a realizar. Como as opiniões e os temperamentos variam, ha-de haver os que se contentam com pouco e os que desejam que desta guerra saia a revolução social e a competente sociedade nova, com toda a sua abastança e harmonia. E' da discussão amigavel de uns com outros, que se formam as correntes dominantes de opinião, ás quais se sucedem os trabalhos de propagação e organização para as levar á prática.

Mas seja qual fôr a opinião que se tenha, uma ideia ha que se deve pôr de lado, porque ela representa uma ilusão perigosa: é a de que deve existir uma grande uniformidade de vistas, para que alguma coisa de util se produza.

Não se alimente essa ilusão. A uniformidade não ha-de existir porque não pode existir; e quem a exigir para que alguma coisa se faça, o melhor é desistir, porque nada poderá conseguir. Não pode haver uniformidade de vistas entre os proletarios de todos os paises, nem entre os de cada país.

E' preciso contar com a diversidade inevitavel, trabalhando muito embora para se obter o maior número possivel de pontos de vista comuns sobre interesses comuns a defender.

E' natural, por consequencia, formar-se, em cada país mais de uma corrente de opinião, a que é natural tambem corresponderem diferentes formas de acção. Isso não oferece inconvenientes, desde que as acções se não anulem mutuamente, para gaudio e proveito do inimigo comum.

Deve por isso haver da parte de todos, a preocupação de não se prejudicar a obra a fazer, com intransigencias exageradas, nunca perdendo de vista que ha sempre muitos pontos em que todos estão de acordo e que mais vale, muitas vezes, renunciar de uma par-

te como da outra, á satisfação da realização de detalhes, em proveito da realização da parte em que o accordo é geral, para se não perder tudo.

Se assim se proceder, creio que não será muito difficil ao operariado organizado, preparar-se para quando vier esse periodo, que começa com a suspensão das hostilidades entre as nações beligerantes e termina no tratado de paz.

Toda a gente espera grandes modificações na vida dos povos, depois da guerra. Mas não tenhamos ilusões. As modificações em que pensam muitissimas das pessoas que nisso falam, em nada affectam a constituição da sociedade actual, no que ella tem de fundamental. Se algumas modificações nessa constituição forem realizadas, hã-de ser o proletariado o autor delas, e á custa de muito esforço e sacrificio.

Mas mesmo dentro da constituição actual da sociedade, ha muitas regalias a conquistar, se outras mais vastas e profundas se não puderem conseguir. Numas e noutras devem os proletarios pensar, vendo até onde podem ir, para formularem como que um programma minimo apto, tanto quanto possivel, para irem mais longe, desde que as circumstancias o permitam.

Se eu fosse um militante operario, ao mesmo tempo que observava e procurava comprehender as ideias que se agitam e os acontecimentos que se produzem, quanto mais não fosse — e já não seria pouco — no que respeita á politica e á vida economica de Portugal, faria a mim proprio as seguintes perguntas, entre muitas outras que se podem fazer, sobre a orientação a tomar:

— Está o povo português preparado para os efeitos da grande revolução social?

— Está o proletariado militante português preparado para fazer essa revolução?

— Admitindo que nem o povo nem os militantes estão preparados para a revolução social, quais as conquistas de ordem politica que se podem realizar?

— Que regalias de ordem economica podem ser obtidas?

— Convem que nos interessemos pela questão da independencia politica das nacionalidades em geral e por to da de Portugal?

— Se se produzir um movimento de opinião sobre as relações economicas entre as nações, devemos ser proteccionistas ou livre-cambistas?

— Se em principio formos pela liberdade, devemos manter essa attitude na prática, em relação a Portugal?

— As relações de Portugal com a Espanha devem ser, em geral, identicas ás mantidas com os mais países, ou devem afectar uma forma especial?

— Deve ou não haver reuniões, congressos gerais ou parciais, onde estas questões se discutam e onde se tomem resoluções de caracter pratico?

— No caso de haver um ou mais congressos internacionais, com fins identicos, devem os proletarios portugueses fazerem-se representar, e em que condições?

Eis as perguntas que, se eu fosse um militante operario, faria a mim proprio, procurando dar-lhes resposta e tratando, depois, de me entender com os meus companheiros, sobre as questões que elas traduzem, afim de, sem demora, nos prepararmos para resolver o melhor possivel, os problemas que elas comportam.

Se ha militantes que entendem não valer a pena preocuparem-se com as questões a que acabo de me referir, ou com outras análogas, fiquem sabendo que ha alguém que, certamente, as não põe de parte, ligando-lhes pelo contrario muita importancia: são os burgueses inteligentes e sabedores. Se o proletariado se desintereza delas, julgando que em qualquer ocasião tudo isso se resolve com um golpe de mão revolucionario, é porque não compreende ainda a sociedade em que vive, e está, por isso mesmo, irremediavelmente condenado a trilhar por largos anos, o mau caminho de explorado e de tiranizado, que tem trilhado até agora. Os que creem que a audacia na revolta basta para transformar regimens e instituições, é porque estão, para a vida social, na mesma fase em que, para a vida animal ou para os fenomenos do mundo material, estão os que acreditam nos milagres de Deus; e, por consequencia, serão fatalmente vencidos pelo burguês, que não acredita em milagres de Deus, nem em milagres dos homens.

EMILIO COSTA.